

Primeiro assédio: Análise da repercussão da *hashtag* nas mídias sociais¹

Elisama Costa XIMENES²

Luciene Oliveira DIAS³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este trabalho articula-se como um ensaio de estudo da repercussão da campanha feminista de empoderamento #primeiroassédio nas redes sociais e portais de notícias. Para isso, foram analisadas as postagens sobre o assunto no Twitter, Facebook e mídias jornalísticas. Utilizou-se da análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica. A expectativa, sinalizada aqui como resultados iniciais, é de reflexão a cerca do ganho feminista de espaço nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: mídias sociais; primeiro assédio; pedofilia; feminismo.

INTRODUÇÃO

Dia 20 de janeiro foi exibida nacionalmente a estreia do programa MasterChef Júnior na rede de televisão brasileira Band TV. Durante a estreia, comentários pedófilos sobre a concorrente Valentina Schulz tomou de conta das redes sociais. Logo depois, comentários de apoio à menina de 12 anos e de revolta com os assédios ganharam o protagonismo. Um dia depois, o coletivo feminista Think Olga lançou o desafio às mulheres. Juliana Faria, criadora do coletivo, pediu que as mulheres contassem em rede sobre os assédios que sofreram. Assim, lançou a *hashtag* #primeiroassedio.

A repercussão foi tamanha que ganhou não só o twitter, mas chegou ao Facebook, por mulheres que desejavam fazer relatos maiores que 140 caracteres. Além disso, também ganhou os portais de notícia. E é sobre essa repercussão que este ensaio deve tratar. Importante destacar que o presente *paper* foi apresentado à disciplina Tópicos em Comunicação I – Relações de Gênero, ofertada ao curso de Comunicação

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Estudante do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: ximenes.ely@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, email: lucienediasj@gmail.com

Social/Jornalismo, no segundo semestre de 2015. Enquanto análise mais estruturada do que o ensaio agora apresentado, o trabalho inicial contou com também com o apoio das estudantes Caroline Álvares e Isadora Lopes Rabelo, alunas regulares da referida disciplinas.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

Este ensaio tem a finalidade de analisar a repercussão da *hashtag* #primeiroassédio nas mídias sociais e webjornais. Durante o processo de chegada a tal fim, pretende-se estudar que tipos de histórias foram relatadas, acompanhadas da *hashtag* no *Twitter* e *Facebook*.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A partir disso, é anseio do coletivo envolvido mapear os resultados. Ou seja, se as denúncias de assédio aumentaram ou diminuíram, se foi possível constatar o ganho de uma consciência coletiva mais atenta a esse tipo de crime. Dentre outros.

Além disso, objetiva-se esmiuçar as diversas abordagens jornalísticas sobre o assunto. Desde as positivas às negativas. Embora a primeira seja o objeto central deste estudo. Dessa forma, espera-se ser possível entender de que forma os editoriais têm utilizado da difusão coletiva para abordar a violência sexual e de gênero.

Outro objetivo específico é estabelecer o diálogo entre análise e leitura de mídia e as disciplinas que são ofertados no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Goiás.

3 JUSTIFICATIVA

A Organização Mundial da Saúde já trata a violência de gênero, envolvendo desde o assédio até o tráfico sexual, como um problema pandêmico, que vem nos últimos anos utilizando-se da internet para promover mais violência. Segundo a pesquisa da ONU

divulgada no final de novembro de 2015 estima-se que 95% dos comportamentos agressivos e difamadores dentro da internet são arremetidos contra as mulheres.

A violência sofrida por Valentina pelo Twitter durante o Masterchef Jr não foi o primeiro nem o último tipo de agressão que as mulheres vão sofrer dentro do espaço cibernético. Neste trabalho o que se leva em conta, com tudo o que aconteceu, foi a reação das mulheres diante deste fato. O Think Olga propôs a hashtag #primeiroassédio e mulheres de todo o Brasil acolheram a ideia e o que vimos no final do ano passado foi uma reação em cadeia que fez mulheres, homens e veículos de comunicação a refletirem sobre a condição da mulher brasileira hoje.

O que as mulheres perceberam é que “os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder” (LOURO, 1997, p. 33) e então transformar aquele espaço de violência em um lugar de empoderamento.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para apuração dos dados, foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo. Tendo sido utilizadas das seguintes etapas para chegada ao produto:

A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. A primeira é a pré-análise, onde se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados (BARDIN, 2006, apud. GIL, 2002, p. 89).

Dessa forma foi possível chegar a hipóteses e relacionar com a base teórica. Sendo que, para isso, foi utilizada a Pesquisa Bibliográfica que é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

5 RESULTADOS

5.1 TWITTER

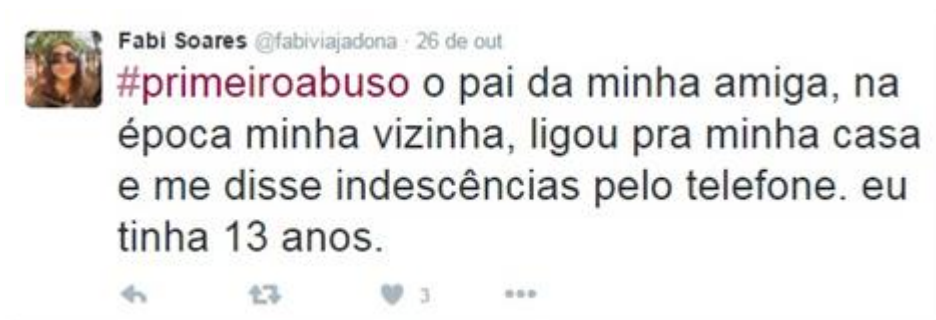
A campanha *#primeiroassédio* criada no dia 22 de outubro de 2015 pela ativista e jornalista Juliana Faria do Grupo Think Olga conseguiu uma grande repercussão depois do fato que ocorreu com uma das participantes do MasterChef Júnior que foi vítima de comentários com teor sexual.

Juliana Faria relatou o seu primeiro assédio e criou a hashtag pela rede social *twitter* que se fortaleceu diante de tantos outros depoimentos de mulheres que relataram o seu primeiro assédio. O silenciamento foi sendo quebrado cada vez mais e a criação de novas hashtag's como a da *#primeiroabuso* com o mesmo objetivo começou a dar uma identidade para o movimento. As histórias relatadas nos trás uma reflexão social sobre o atual comportamento machista predominante que ainda ronda a sociedade do século XXI.

Foram criadas outras hashtags como: *#ChegadeFiuFiu*, que combate o assédio sexual a mulheres em espaços públicos; a *#AgoraÉqueSãoElas*, que defende a igualdade de gênero, propondo aos homens a ouvir e as mulheres a falar. A campanha *#MeaCulpa*, que foi uma hashtag criada por homens que tem o objetivo de propor pedidos de desculpas para as mulheres com publicações de *tweets* e vídeos.

Com todo essa carga de informações as mulheres começaram a entender que não é normal sentir medo de se expressar. Através da campanha *#primeiroassedio* nota-se que os abusos cometidos foram na maioria com crianças na faixa de 4 anos á 12 anos, e assim sucessivamente na adolescência.

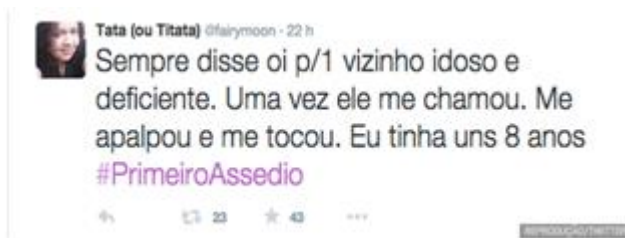
Algumas frases publicadas na web como forma de protesto e empoderamento das mulheres sobre seu próprio corpo sensibilizaram várias outras a se manifestarem que foram: *“Isso não é engraçado”, “Isso é inapropriado”, “Não ligo para o que você pensa”, “Porque você está me dizendo isso?”, “Não sou obrigada!”*, *“Não/Tchau”, “Não terminei de falar”, “Eu sei o meu valor sua opinião não importa”*.



Depoimento da Fabiana Soares do abuso que sofreu aos 13 anos

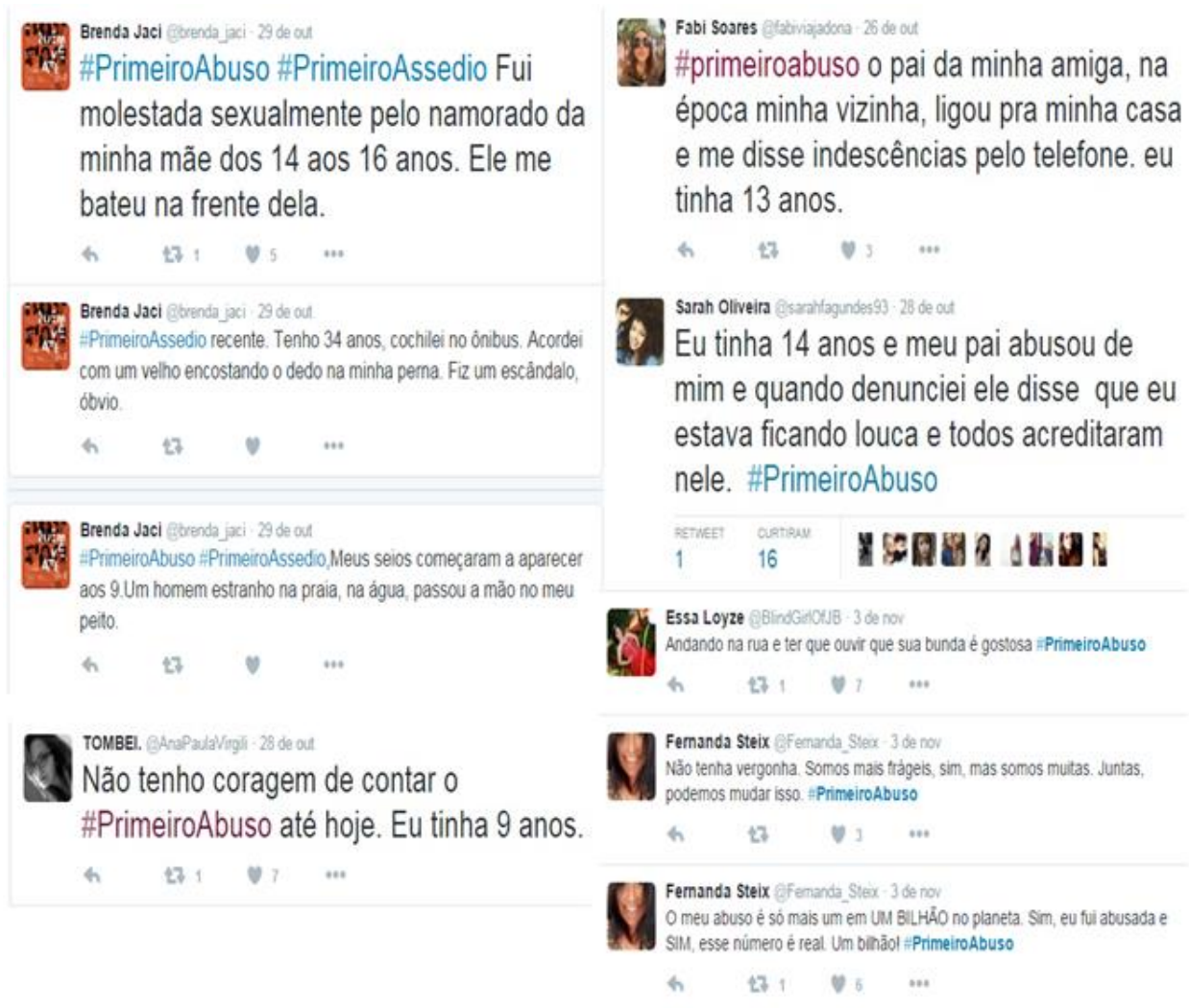
O Brasil é o primeiro país em exploração sexual infanto-juvenil. Dados da ONU listaram os países com maior incidência de estupros em 2010 e os números foram alarmantes: EUA com 84.767 mil casos; África do Sul com 67 mil casos; Índia com 22.172 mil casos; Reino Unido com 15934 casos; México com 14993 casos. A Abrapia (Associação Brasileira Multi Profissional de Proteção a Infância e Adolescência) lê estes números como abuso do poder. O Disque Denúncia 100 registra em 2014 uma média de 22.450 mil denúncias. Deste número mais da metade são com mulheres, 17.630 mil casos.

As vítimas se sentem presas a uma realidade que não as protege e que não investe em recursos para fazer com que as leis realmente ganhem força e seja favorável a elas. A lei Maria da Penha, 11340/06, foi uma conquista e um avanço para as mulheres, mas só foi criada após um ato violento de espancamento no qual teve sua grande repercussão. Nossa análise é de que as hastags agregam conhecimento e motivam as mulheres a não se submeterem ao machismo.



Vizinho abusa de criança de 8 anos

Relatos de abusos com a #primeiroabuso



#primeiroassédio

De acordo com Scott (1995), o processo histórico em que a mulher é invisibilizada na sociedade em diferentes áreas, demanda de nós críticas contundentes ao modelo patriarcal dominante que sempre colocou a imagem do homem como superior. A existência das mulheres como participantes ativas de todo o processo histórico, seja ele econômico ou político, precisa ser garantida para o combate a esse olhar único e universal.

No que diz respeito a história das mulheres a reação da maioria dos (as) historiadores (as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-las ou colocá-la em um domínio separado “as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres que não concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e

deveria ser feita separadamente da história política e econômica. (SCOTT, 1995, p. 5)

A opinião que é citada no texto reflete o machismo. O uso do “gênero” coloca ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. A campanha que chegou nos tops trends do twitter com as publicações de depoimentos sobre abusos cometidos a mulheres utilizando a *#primeiroassedio* mostra claramente como o homem tem um papel dominante na sociedade e o quanto ainda precisa ser desconstruída a inferioridade das mulheres diante desta realidade.

5.2 FACEBOOK

O caráter de denúncia que a hashtag teve no Twitter invadiu o Facebook em tom de repúdio e confiança. Repúdio a todos os comentários e sarcasmos daqueles que não mensuravam a importância daquele momento; e confiança em razão da estrutura da rede social, que permite textos mais longos, em termos de quantidade, o número no Facebook foi bem menor que no Twitter. Dessa forma, com relação aos conteúdos do Facebook a análise é mais qualitativa que quantitativa. Desabafos como o de Juliana Trevisan, que recebeu 11.895 curtidas, 3020 compartilhamentos e 152 comentários, chamaram a atenção e comoveram muitos dos que leram.

Juliana relata o abuso que sofreu desde os seis anos e que sem saber como pedir ajuda conviveu com o seu abusador por mais 14 anos. Os abusos vinham de seu próprio pai. Ela desabafa que sempre tentou deixar sinais de que algo não estava certo, mas de alguma forma eles sempre foram mal interpretados ou não percebíveis. No final de seu relato ela pede que prestemos atenção nos sinais que as crianças dão, que num primeiro momento, pode não parecer tão óbvio, mas que eles sempre estão lá.

Para muitas das mulheres falar destas questões, como repetido em muitos dos relatos, foi libertador, mas também um processo muito doloroso de recordação; algumas falavam pela primeira vez do assunto, bem como confessou a atriz Leticia Sabatella, que utilizou a rede social para falar sobre a primeira vez que se sentiu em uma situação de abuso. Outro conteúdo que foi densamente compartilhado dentro do Facebook foi o vídeo da *vloguer* Jout Jout “Vamos fazer um escândalo” com 44.386 curtidas e 21.208

compartilhamentos que invoca a todas as mulheres a não se calarem mais diante de qualquer tipo de assédio.

Tratamos, ainda, a sexualidade como um tabu, não falamos e não problematizamos o que acontece e faz parte da vida de todo mundo, “através de múltiplas estratégias de disciplinamento aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditamos que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política” (LOURO, 2000, p. 18). Tal percepção foi a força motriz para a movimentação do #primeiroassédio que desencadeou uma onda de reivindicações de gênero durante os meses de outubro a dezembro de 2015, dentro e fora das redes sociais.

5.3 PORTAIS DE NOTÍCIA

Aqui, pretendemos analisar as matérias postadas em rede sobre a *hashtag* #primeiroassedio. Como a difusão da campanha foi, principalmente, na internet, escolhemos, para uma primeira análise, estudar as matérias na web. Para tanto, foram analisadas 38 matérias de 31 portais de notícia brasileiros. A partir desta pesquisa, foi possível acessar dados estatísticos sobre a repercussão da campanha.

As datas das matérias postadas variam entre 22 de outubro de 2015 e 8 de janeiro de 2016. Sendo que, dois dias antes da primeira publicação, foi transmitida a estreia do programa MasterChef Júnior, primeira edição brasileira, em 20 de outubro de 2015, pela Band TV. A palavra assédio aparece 313 vezes nas matérias da pesquisa. Para acessar as matérias, utilizou-se do google e o maior número possível de matérias publicadas foram lidas, estamos falando aqui de veículos maiores, mas também de blogs de pequeno alcance.

Daremos destaque aqui a alguns dos 38 textos estudados. É possível notar que a maioria é escrito por mulheres. Mais especificamente, 18 das matérias foram escritas por mulheres. Sendo que uma do portal O Globo teve um autor homem em conjunto com duas mulheres. Além disso, 13 não estão assinadas, ou foram assinadas pela Redação do veículo. Observamos que muitas das autoras dos textos aproveitaram para contar suas próprias histórias. Sobre seu primeiro assédio. Em especial, o Jornal Zero Hora fez um vídeo com 12 jornalistas contando histórias de assédio pelas quais passaram.

É interessante perceber que uma pauta feminista tenha ganhado tanto espaço nas mídias. Depois da proposta do Think Olga, os jornais viram-se obrigados a tratar de uma

pauta feminista. Algumas das postagens trouxeram dados estatísticos. Segundo o Huffpost Brasil, até a manhã de 22 de outubro, 2,5 mil tweets mencionaram a hashtag. Já Marina Rossi escreveu em El País de 23 de outubro, que, até a publicação daquela reportagem, 29 mil relatos já haviam sido postados. A BBC Brasil, no dia 10 de novembro, informou que a hashtag foi compartilhada mais de 90 mil vezes.

O Think Olga, que teve a iniciativa de lançar a campanha, trouxe dados originais sobre a repercussão. Em matéria publicada no dia 26 de outubro, apurou-se que, até o dia 25 de outubro, a hashtag foi replicada mais de 82 mil vezes. Com um material que envolvia 3.111 tweets em mãos. Uma das grandes constatações do Think Olga é que a idade média do primeiro assédio é de 9.7 anos. Além disso, foi possível contabilizar que 65% dos crimes são cometidos por conhecidos.

O blog Bolsa de Mulher creditou a informação de que 2,5 mil de tweets registrados até 22 de outubro ao Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD). Já o DataFolha levantou dados específicos sobre a cidade de São Paulo. Em uma pesquisa feita com 1.092 pessoas, entre os dias 28 e 29 de outubro, apurou-se que 36% das pessoas paulistanas já sofreram assédio sexual. Dentre esses, 50% são mulheres, 46% têm entre 25 e 34 anos, 46% estão entre os mais escolarizados e outros 46%, entre os mais ricos.

Os textos das mulheres demonstram o ganho de uma consciência coletiva sobre o que é assédio. E não falo apenas dos relatos acompanhados do #primeiroassédio, mas, também, das matérias escritas por mulheres. Mas é preciso reconhecer que, em alguns deles, demonstram ainda um processo de transição. A exemplo disto, o artigo escrito por Maria Caruso para a Época em 13 de novembro. Como tantas outras, também contou algumas de suas experiências, mas em certo momento comenta “parece estranho contar isso hoje, quando parte das mulheres trata até galanteios educados como se fosse assédio” (CARUSO, 2015, p. 1).

Isso demonstra um processo gradual de empoderamento. Apesar de reconhecer que os fatos que lhe aconteceram quando pequena eram assédio, ainda pensa que as mulheres se vitimizam. Para Scott (1995, p. 4), “a maneira como esta nova história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise”.

A reportagem de El País, de 23 de outubro, apresenta uma problemática em um dos parágrafos. “Uma das participantes, 12 anos, chamou a atenção de pedófilos que não tiveram nenhum constrangimento em se revelar” (ROSSI, 2015, p. 1). Ao colocar a vítima como sujeito, a sentença reforça a culpabilização da vítima. Como se realmente uma criança quisesse chamar a atenção para comentários assediadores.

A repercussão internacional da campanha ganhou destaque na BBC Brasil. Mesmo portal que, anteriormente, havia traduzido matéria sobre a hashtag. Dessa forma, mulheres da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Chile, Portugal e Holanda, passaram a utilizar da tag #firstharassment para relatar casos de assédio pelos quais passaram. Sobre isso, a criadora do coletivo feminista Think Olga e da campanha disse à BBC que “isso comprova que falamos de um problema universal”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho reuniu um conjunto de informações que foram analisadas por mídias como: Twitter, Facebook e jornais sobre o processo do feminismo e as práticas utilizadas pela web para tornar cada vez mais visível o papel atual da mulher na sociedade contemporânea em empoderar-se.

O levantamento de dados feito pelas páginas citadas ofereceu aprendizado a todas integrantes do trabalho levando o desejo de aprofundar a cada dia mais sobre os feminismos e as suas táticas de luta aplicando-as no dia-a-dia. As experiências do estudo destas leituras nos possibilitou a reflexão sobre todo o contexto histórico de luta de mulheres em busca dos seus direitos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. apud. GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

CARUSO, Marina. **Meu primeiro assédio**, 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/meu-primeiro-assedio.html>>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

GROTH, Otto. apud. LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas – O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3 ed. Barueri: Manole, 2004.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade**. 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O Corpo Educado – Psicologias da Educação**. Autentica Editora. 2º ed, 2000 - Belo Horizonte, MG.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed.Vozes, 1997- Petrópolis, RJ

NUNES, Juliana César. **Casos de abusos de crianças kalunga ocorrem há mais de 20 anos, diz líder**, 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-04/abusos-de-criancas-da-comunidade-kalunga-acontecem-ha-mais-de-20>>

ROSSI, Marina. **O dia em que relatos do primeiro assédio tomaram de conta do twitter**. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html >

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.